

ORG. ROSELANE ZORDAN COSTELLA

**UM POUCO
DE CADA
UM NA
CONSTRUÇÃO
PROFESSORAL
DE MUITOS**

*narrativas, itinerários,
ressignificações*

**Roselane Zordan Costella
(Organizadora)**

**UM POUCO DE CADA UM NA CONSTRUÇÃO
PROFESSORAL DE MUITOS
NARRATIVAS – ITINERÁRIOS –
RESSIGNIFICAÇÕES**



**PORTO ALEGRE
2021**

© EDIPUCRS 2021

CAPA THIARA SPETH

DIAGRAMAÇÃO BRUNA DALI

REVISÃO DÉBORA PORTO

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P872 Um pouco de cada um na construção profissional de muitos [recurso eletrônico] : narrativas : itinerários : ressignificações / Roselane Zordan Costella (organizadora). – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2021.
1 Recurso on-line (270 p.)

Modo de acesso: <<http://editora.pucrs.br>>
ISBN 978-65-5623-227-0

1. Professores – Formação profissional. 2. Geografia – Ensino. 3. Educação. I. Costella, Roselane Zordan.

CDD 23.ed. 370.71

Loiva Duarte Novak – CRB-10/2079

Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

Todos os direitos desta edição estão reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio, com base na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, Lei de Direitos Autorais.



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001



Editora Universitária da PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone/fax: (51) 3320 3711
E-mail: edipucrs@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/edipucrs

8. SANTA PASSADO CRUZ PRESENTE DO FUTURO SUL: GARRAFAS QUE NOS CONTÊM E NOS CARREGAM MARES AFORA

Nestor André Kaercher

8.1 Do que trata o texto, a que(m) se destina e as garrafas que nos contêm

Este texto relata um pouco de minha infância e adolescência em Santa Cruz do Sul. Quer pensar os modelos de professor/as e de escola que tive, desde os meus anos iniciais de vida, até a ida a Porto Alegre, aos 19 anos, para cursar Geografia. As marcas que me estruturaram. Se meu corpo é minha primeira Geografia, rastrear os espaços-tempos que me constituem ajudam a pensar a racionalidade e afetividade que em mim se gravaram. Passado, presente e futuro se misturam e não são lineares ou unidirecionais. Pensa também os modelos de família que me constituíram. A partir de um exemplo (o meu), o leitor poderá pensar as marcas que em si foram deixadas.

O indivíduo é, em boa parte e em geral, o que a coletividade fez com ele. A sociedade precede ao indivíduo. Ela nos lega não apenas língua, religião, histórias e geografias locais/nacionais, mas também formas de pensar, amar e, nada desprezível, formas de ler o mundo bem particulares que incluem os preconceitos que nos são inculcados

desde a tenra idade. Tudo isso e muitos 'issos' mais nos constituirão para sempre, seja porque aderimos aos valores com que nos educaram, seja pelo seu oposto, porque lutamos contra esses valores.

A sociedade é uma espécie de garrafa. Nela, estamos contidos. Assim como ninguém 'se liberta' da garrafa (cultura) que nos encerra, também é inquestionável que, quando lecionamos, levamos para dentro da sala de aula estes valores, estas idiossincrasias que vão marcar nossos alunos de forma tão ou mais importante que a disciplina que lecionamos. A garrafa não é uma prisão, mas tampouco é apenas uma embalagem. Daí usar a expressão contraditória: o ser humano está condenado à liberdade.

Este texto fala de minhas garrafas porque quer convidar você a pensar nas suas. Não almejo plantear que minhas vivências sejam 'boas', e nem o oposto, 'más'. Foram as duas coisas, como é normal. Convido-o(a)s a praticarem uma máxima que repito comumente em aula, que aliás não é minha: 'suspender o julgamento sem suspender a avaliação', isto é, ao ouvirmos e lermos outras pessoas, precisamos evitar julgá-las num *fla-flu* permanente 'gostei' x 'não gostei', 'concordo' x 'não concordo'. Vamos avaliar cada situação relatada com simpatia ou antipatia, pois inevitável nos posicionarmos, mas sem a dureza do 'deve' ser isso ou 'é' aquilo. O equilíbrio é tênue e instável, mas o que se propõe é ouvir com atenção e respeito às ideias do outro. E, em caso de discordância, rebater com argumentos as ideias e ações dos outros, e não, como é comum, ofender ou distratar de quem discordamos. Há aqui uma proposição clara no modo de ser docente: conciliar razão e emoção. Não significa abafar a segunda em nome da razão (impossível), mas admitindo que as emoções, inclusive as mais negativas (ódio, raiva, preconceito) constituem nossa racionalidade e, como tal, podem ser objeto de reflexão e escrita. Negar as mazelas e falhas humanas não vão desaparecer tais características do ambiente escolar já que esse é constituído de pessoas que vão inteiras para a sala.

8.2 De onde vem a docência de quem sempre foi 'apenasmente' professor?

Começo com uma confissão. Não sei bem por que sou professor, nem tampouco por que de Geografia. Fato é: escolhi ser professor. Nunca tive outra profissão ou ofício. E escolhi ser professor de Geografia, mas, sinceramente, não sei bem o motivo. Ou seja, há e houve um DESEJO de sê-lo. Não fui obrigado a sê-lo e nem houve falta de opção, pois, como se verá, embora não fosse rico, era de uma franja da sociedade que poderia, nos anos 80, sair de sua cidade natal para cursar uma universidade. Até hoje nunca me arrependi dessa opção. Não digo isso com orgulho. É uma constatação. Sincera. Não chego à nenhuma conclusão novidadeira por hora. Digo o que já devem ter lido em outras páginas: o desejo, assim como o medo e outros sentimentos, existe e não raro foge da explicação racional imediata. A razão de nossas escolhas, ainda que 'livre', não raro é ditada pelo inconsciente.

Ao escrever sobre minha infância, minha juventude e minhas primeiras fases da vida adulta, pretendo fazer um texto cuja utilidade pode não ser imediata. O desafio, no entanto, é tentar escrever de forma a manter você, raro leitor, interessado em minha narrativa a ponto de fazer dela senão 'útil' – O que é útil? Tem que ser útil? – pelo menos algo que lhe sirva para refletir sobre as suas escolhas. Ou seja, o texto, útil ou não, precisa ser agradável de ler e, suma pretensão, (sou pretensioso) manter o interesse no que falo a ponto de você continuar pensando nas coisas que escrevo após ter lido as coisas que escrevi. Isso mesmo.

O importante é que, sob pretexto de ler um pouco do egóico Nestor, você continue a pensar na sua existência, nos seus marcos espaço-temporais. Minha narrativa é pretexto para você pensar a sua existência e a sua docência, as suas opções, as suas interrogações. Que ajude você a pensar sua discência, pois não precisa ser freireano

para saber que não tem como ser professor sem ter a permanente curiosidade de ser aprendiz, aluno/a. Proponho, para tal, os eixos nestorianos de sempre: que perguntas você faz para seus alunos/as no cotidiano? Perguntas reais, não aquelas professorais/formais cujas respostas você já sabe. Que belezuras você mostra para manter/atrair a atenção dos alunos/as quando ensina? Aliás, o que você ensina – além de Geografia – quando dá aula de Geografia? Por fim, mas não por último: como tua docência/discência ajuda a manter viva a imaginação nos alunos/as? Imaginação, matéria-prima primordial para manter o diálogo vivo entre os participantes do processo educativo. Afinal, como dar aula sobre 'África' sem tentar imaginar como pode(ria) ser a vida lá? Sabendo que há centenas de Áfricas.

Educar não é uma opção, é imperativo categórico, nos constitui humanos. Não somos uma ilha. Sendo seres sociais é na relação com os outros que nos fazemos coletividade (sociedade), e, paradoxo, fazemo-nos indivíduos, pois só somos o que somos (brasileiros, baianos, flamenguistas, heterossexuais, católicos, liberais, emos, punks etc.) porque ao nosso lado há outros que são outras 'coisas'. Essas coisas, iguais ou diferentes, que não são eu, fazem-me ser o que sou. Mas, antes que eu comece a responder sobre o que não me perguntaram, deixa eu falar de minha infância.

8.3 ANTES da escola, eu nasci, há quase dez mil anos atrás

Recém comecei minhas mal traçadas linhas e já me invadem variados demônios a puxar os fios do texto pra tudo que é lado. Tentarei organizar cronologicamente a bagunça de meu cérebro. Inevitável fazer associações variadas que me levam a distintos portos não inicialmente programados. Intencionalmente fiz um pequeno contrabando homenageando um compositor muito belo, criativo e imaginativo: Raul Seixas. Tanto faz nossa idade, o que importa ao professor é que ele não tenha a pretensão de que "não há nada

neste mundo que eu não saiba demais”. Há aqui uma dica clara: usar a música, suas letras e sonoridades para pensar nossa docência. Ter ciência de nossos limites não precisa nos acomodar a ficar no senso comum, na apatia.

Nasci em Santa Cruz do Sul (17 de fevereiro de 1966). Dista cerca de 150 km de Porto Alegre. Cidade rica, com agricultura forte (tobaco). Comércio e indústria também. Bem servida do setor de serviços. Na época, muito mais que hoje (135 mil habitantes), era uma cidade cuja colonização germânica marcava muito sua e minha existência. Eu não percebia isso. Essa era minha garrafa. Filho de classe média (pai advogado e contador, com dois cursos superiores na década de 70), morava no centro da cidade. A mãe era do lar. Eu dizia, na época, “a mãe não trabalha” (fora), pois ficava ‘em casa’. Vemos que, mais um contrabando, há uma associação de trabalhar com um conceito ‘topológico’ (fora, dentro). Na ‘minha época’ isso embutia uma educação de gênero: o homem trabalha (fora), a mulher não (fica dentro de casa). A mãe, Leany, ‘apenas’ cuidava de seis filhos. Todos homens. Eu era o 5º, quase o caçula.

Morava no centro (rua Marechal Deodoro, paralela à rua principal, a Marechal Floriano). Atravessando a rua, estava o principal hospital da cidade, onde nasci. Atravessando para a outra quadra, estava a Catedral São João Batista, um colosso de 80 metros de altura, numa cidade que à época em que ela foi construída devia ter, exagerando, 50 mil habitantes. Ali fui coroinha (ajudante de missa) por 4 anos, dos 9 aos 12 anos.

O primeiro bispo da cidade, D. Alberto Etges, era meu tio-avô, irmão de minha vó paterna, Otília. Frequentava minha casa, sempre com sua batina negra e voz suave. Católico, fiz 1ª comunhão e Crisma, e, até cerca de 16-17 anos acreditava em minha fé, mas esta já se esboroava celeremente com a adolescência. Ao vir para Porto Alegre, com 19 anos, essa fé simplesmente ficou em Santa Cruz. Virei ateu. E

acho que isso nem foi ato de rebeldia. Simplesmente, o fato – como Fernando Pessoa chama o terno – com que me vestiram, não cabia mais no meu magrelo corpo. Aos 19 anos, já tinha meu 1,85 metro de altura nos meus 72 quilos. Verdade que lá pelos 12 anos um de meus melhores amigos era um comunista e ateu convicto! O César Müller. Eu ia estudar na casa dele – ele era um ‘crânio’ como se dizia – e nossas discussões eram ótimas, pois eu era um católico praticante e politicamente conservador.

Sim, eu sempre me interessei por política. Esse interesse foi influenciado por meu pai, leitor constante. Ao chegar em casa para almoçar, carregava sempre algum jornal debaixo do braço. Eu adorava lê-los após o almoço. Memória do Correio do Povo, imenso e volumoso, me esperando. A Zero Hora também era atraente, não tanto como o Correio.

Dando mais uns passos, atravessava o quarteirão da Catedral e estava na Praça Central da cidade – onde hoje está a estátua do meu tio-avô – e, mais uns passos, chegava na escola onde estudei todos os onze anos da Educação Básica. A escola São Luís, Marista, na qual já meu pai estudara (e lecionava Contabilidade, acho, desde os 26 anos de idade, pois antes de ser advogado, era contador) e onde todos meus irmãos também estudaram. Era uma escola grande, bem equipada. Os Maristas deviam tê-lo em conta, afinal, pagar seis mensalidades todos estes anos de Educação Básica é algo!

Tinha uma infância estável. Desde os 6 anos, me mudara para a casa própria que meu pai construía. A casa, de dois pisos, era moderna e fora erguida no terreno onde minha vó tinha um casarão, também de dois pisos. Suas pedras foram usadas para o alicerce da nossa casa. Lembro de ter entrado num buraco que serviu para o alicerce (uns 5 anos?) e não ter conseguido sair. Senti medo. Acho que alguém me tirou de lá. Não lembro. Só sei que não gritei por socorro. Seria vexatório. Orgulho bobo de um homenzinho.

Meus avós (Kaercher e Etges por parte de pai); Agnes e Procat (por parte de mãe) tinham como língua ‘mãe’, o alemão (ou algum dialeto). Aprenderam Português quando foram para a escola. Todos os seus filhos falavam alemão em casa (meus pais, meus tios e tias). Vivíamos o bilinguismo todo o tempo, pois conosco eles falavam em português. Nas ruas, entre os adultos, era comum o alemão ser ouvido. Paradoxalmente éramos analfabetos, pois não entendíamos o que eles falavam. Nós, seus netos, fomos da 1ª geração que negavam o idioma alemão por considerá-lo coisa de ‘grosso’, de ‘colono’. Na época isso era considerado ‘rebelia’ da juventude (‘somos o novo, não somos colonos, somos da cidade’).

Dentre os de minha geração, a maioria também não aprendeu o alemão. Poucos anos depois vimos que isso foi uma tolice. Uma tentativa boba de negar algo que nos constituía. Todos os colonos que vinham à cidade – vender, comprar – só falavam alemão. Todos que atendiam no comércio viviam esta situação. Seus sotaques eram vistos com esnobismo por nós, urbanos. Bobagem, mas a capacidade do ser humano ser pequeno é algo que nos constitui. E eu não fugia dessa garrafa. Alerta atual para mim que formo professores: ouvir os alunos, suas histórias de vida, pois ali há o nascimento de muitas ideias que vão moldar nossas ações de adultos e vão dar ideias para as próprias aulas.

Imaginar, na época, que aqueles colonos me alimentavam na cidade, era algo muito distante pra minha cabeça ‘de osso pra sopa’, isto é, cabeça fraca. Era expressão que meu pai usava quando queria dizer que alguém tinha raciocínio curto: cabeça de osso pra sopa. ‘São uns Nestor’, completava ele, quando queria se referir a alguém de raciocínio ‘curto’, tacanho, pois também se chamava Nestor. Por isso que, em casa, e entre os amigos mais chegados, sou o André. Para não me confundirem com o pai, por exemplo, quando se atendia o telefone. A capacidade de saber rir de si mesmo, não se levar tão a

sério, era característica do pai. Creio que 'herdei' isso dele. O oposto era a mãe, sempre duríssima e constante ao criticar os demais. Ácida. O pai era irônico, sabia rir de si mesmo.

Ter telefone em casa era, para mim, algo 'natural', pois eu sempre tive. Já em Porto Alegre, fazendo faculdade, eu perguntava, com naturalidade, aos meus colegas "qual teu telefone?!" Alguma vez fiquei surpreso com a resposta: "Como assim, telefone?! Eu não sou rico!". Meti o saco na viola. Aos poucos me dava conta que eu era classe média. Em Santa Cruz, eu era 'normal', pois vários colegas meus moravam em casas muito boas, seus pais, opa, o pai que dirigia, tinham carro.

A nossa casa nova ficou pronta. Eu devia ter uns 6 anos. A mãe tinha uma empregada, a Tânia. Ela tinha uns 14 anos quando foi para nossa casa. Ela morava conosco. Conosco ficou até todos sermos adultos e já não morarmos mais em Santa Cruz. 'Detalhe', a Tânia era negra. Numa terra de 'alemão' as funções 'menores', invisibilizadas eram feitas por negros. Nota de rodapé: isso nunca era discutido na escola (e nem na graduação, já em fins da década de 80). As condições precárias de vida, emprego, instrução etc. dos negros e pardos passavam ao largo de nossos pensamentos. Poucos colegas negros eu tive, e estes quase nunca eram naturais da cidade, acho que nunca eram. Eu não frequentava a casa deles, não viviam, provavelmente, no centro. O tema do racismo, estrutural em nossa brasilidade, é invisibilizado nas escolas e só muito recentemente tem entrado, um pouco pelas beiradas, nos cursos de graduação. Que Geografia é essa que ensinamos nas escolas que não ajuda a perceber os espaços em que vivemos?

Posteriormente, das coisas que mais me chamaram a atenção ao vir cursar Geografia em Porto Alegre, foi a grande quantidade de negros na cidade (no centro, nos ônibus) e a disparidade dos 'públicos' no Restaurante Universitário (RU), no qual eu almoçava e

jantava (de 1985 – 88, época da graduação): quem servia ou fazia a comida era, majoritariamente negro/pardo, quem comia (os universitários) era quase em sua totalidade, branco. Por que raios a gente naturaliza o que não é natural? Por que a escola não nos chama a atenção para melhor observar o nosso entorno? Penso que essa é das tarefas maiores e permanentes da Geografia escolar, qual seja, desnaturalizar nossa cotidianidade, fazer perguntas, ampliar horizontes, fazer a gente ficar estupefato. Algo do tipo: “como que eu nunca me dei conta disso antes!? Que mané que eu sou/fui!”. E, sinto, ainda hoje, estamos devendo isso, uma maior proximidade da escola com o mundo vivido.

O racismo existia na minha infância? Óbvio que sim. Isso estava entranhado na cultura daquela cidade. Aliás, sendo franco, o racismo é característica marcante dos gaúchos, incluindo aí as regiões de colonização italiana (os ‘gringos’) como os chamávamos, nós, os ‘alemães’ e as regiões de colonização lusa. Não vamos entrar em detalhe aqui, mas cabe dizer que o berço do nosso estado se origina de trabalho negro (que veio para cá como escravizado). Basta pensar na Campanha Gaúcha e na zona Sul, Pelotas, berço das charqueadas. Quase toda aquela riqueza vinha das mãos não pagas dos negros.

Se falo disso é para alertar que na escola, mais uma vez, se ‘desconhece’ (ou se apaga propositalmente?) essa história e geografia de infâmia contra o negro – contra o indígena, idem, mas não vou em busca de detalhamento – o que evidencia a necessidade permanente de pensarmos o que ensinamos como ‘verdade’, como ‘história’ em nossas escolas. Muitas vezes, o que ensinamos são meras fabulações, idealizações de um passado ilibado, coisa pouco amparada em fatos. Se você leitor está achando meu discurso ‘panfletário’, pense como aprendemos a História do Rio Grande do Sul. Parece que ela começa somente no século XIX com a chegada dos imigrantes alemães em 1824. Antes disso, poucas linhas para os indígenas, afinal as Missões

querem 'provar' que sempre lutamos pela 'liberdade'! Idem para o *nonsense* da Revolução Farroupilha ser uma luta pela liberdade de todos. Fecho o parêntese.

Mas voltando ao meu umbigo e sem querer me defender (não carece), nossa relação com a Tânia era muito tranquila. Nunca tive com ela nenhuma briga, sequer discussão. Na verdade, ela mandava em nós, a gente era criança ou adolescente e, em nenhum momento, se dava ordens para ela. Para resumir, era uma relação boa, não me lembro de nenhum de nós discutir com ela. Anos depois, quando a reencontrava, vindo de Porto Alegre, ressurgiam boas histórias e lembranças. Uma que sempre rendia era o André, muito criança, sacudindo feito uma bandeira, na esquina de casa, uma peça de roupa. Ela, voltando da padaria, viu de longe minha 'empolgação' e estranhou. O que era aquilo!? Somente ao se aproximar viu que se tratava de uma calcinha dela, os 'fundilhos' que, aliás, não eram pequenos, posto que ela também não o era.

Nossa memória é seletiva. Eu não me lembro dessa cena. Mas, retomo: morava numa esquina. Ao nosso lado moravam tias. A avó Otília passou a morar a três casas da nossa. Eu, às vezes, na condição de 'promovido a homem' (13, 14 anos) ia lá dormir – não me lembro de os manos mais velhos irem – para fazer companhia a vó, pois vivia sozinha. Ficou viúva cedo. Lá, às vezes, eu ficava com ela algumas noites. Não éramos de muito papo. Lembro muito, pela manhã, antes de ir para a escola, o café da manhã que ela fazia. Fogão a lenha. O ovo na caneca. A Guaíba sintonizada no rádio; a cadeira de balanço. Ela fazia boas cucas. Aqui mais uma reflexão é possível: quase todos convivemos com avós. Quanta história e geografia eles têm e conhecem!? Quanto podemos ensinar aos nossos alunos se fizéssemos eles entrevistarem, conversarem com eles. Sempre digo aos alunos, as nossas necessidades são as mesmas, qual seja, comer, beber, vestir, morar, locomoção, lazer etc. Mas, como cada geração ou classe social

satisfaz estas necessidades? Parece que a Geografia desperdiça aqui um bom filão de aprendizagens e de surpresas.

8.4 Meu mapa umbilical de um mundo que já não existe mais: Hilbig, Forster, Müller, Zimmer-Goettert, Mailander, Peschel, Waëchter, Kirst, Kuhn, Kessler, Uebel, Hirsch, Ebert, Backes&Lambert, Wendland, Keller &Niedersberg, Schuk, Eick, Bremm, Knak, Weiss

Saindo do círculo familiar, é bom falar do comércio e do setor de prestação de serviços. Uma Geografia que já faz parte da história, posto que todos já não existem mais. Sim, as empresas familiares não têm vida longa. De infância eu ouvia: “o avô funda e dá o pulo inicial, o pai cresce e enriquece e, os netos, quebram”. Não estou julgando nem concordando. Os que vou relatar aqui são os próximos de casa (poucas quadras, no centro), alguns micro, familiares, outros potências da época. Eu os frequentava. Como a cidade era pacata, eu sempre andei solto pelas ruas.

Apesar de ser classe média, eu não sabia o que era dinheiro no bolso. Em quase todos os lugares, a gente tinha um ‘caderno’, isto é, se comprava fiado. A credencial era o nome do pai. O sobrenome era o cartão de crédito que, óbvio, não existia. Mais uma vez, era dos poucos dos 5 irmãos que era escalado a ir comprar, pois meus manos gêmeos, mais velhos que eu, me obrigavam. Na época, não se falava em ‘*bullying*’, mas eu era catedrático em sofrê-lo dos meus irmãos gêmeos.

Ao atravessar a rua, há uns 40 metros, estava o açougue. O Hilbig. Tinha um português mega rudimentar, mas o suficiente para atender e anotar na caderneta o custo da carne. Logo na sequência, o Forster, bar. Neste não havia caderno, pois era um bar de muito movimento e não comprávamos ali. Era um ponto de passagem para eu ir ao Frederico Beck, meu amigo de Ensino Fundamental. O bar

era interessante, porque ficava numa artéria que se dirigia para ‘fora’ da (centro) cidade, então, reunia gente mais humilde, agricultores (‘alemoada’) e, também, negros/pardos que dali iam para a periferia. Ali se vendia cachaça para os adultos. Eu, quando tinha algum no bolso, comprava guloseimas. Lembro do dono – o nome não sabia –, bem-humorado. Em minha última (e já rara) ida à cidade, outubro de 2019, fiquei surpreso ao ver o prédio em demolição. Mais uma página de minha infância se ia.

Pão? Padaria Müller. Numa esquina. Caderno, isto é, pegava-se o que precisava e depois o pai pagava. Ferragem? Zimmer-Goettert e Mailander. Numa e noutra esquina. Caderno. Remédio? Farmácia Peschel. Caderno. Roupas? Lojas Kirst ou Waächter. Conta.

‘Põem na conta do doutor Nestor’, diziam os lojistas. Pobre do pai. Da mãe, nem vou falar. Imagina cozinhar para seis meninos/adolescentes! Marceneiro? Hirsch. Costureira? *Frau* Uebel. Cortar cabelo? Schuck. Se viravam num português entendível. Oficina? Kessler, mas o pai tinha carro ‘bom’, não ia ali, a cem metros de casa. Supermercado Ebert era perto, mas a gente não ia. Íamos, todos os sábados, no Super Lambert, pois meu pai era contador da rede. O pai tinha um escritório de Contabilidade (Kaercher), e, ao lado, a sala dele, de Advogado. No Centro. Como advogado, atuava como profissional liberal, para grandes empresas da cidade. Na contabilidade, fazia parceria com o von Muehlen. É, era uma fauna variada. Ao lado do escritório, Móveis Wendland. Floricultura? Weiss. Bazar? Knak.

E os amigos? Uebel, Simon, Beck, Schmidt, Müller, Küenzel, Thomas... só para listar os mais próximos. Outros: Hillesheim, Kräether, Schwenberg, Lawisch, Helfer. Parei por aqui. Devo ter tido amigos ‘nacionais’ (riso), mas, eram minoria. Vários deles eram de aparência escandinava. Eu era ‘normal’, cabelo castanho claro. Olho azul, que depois em Porto Alegre, não raro era motivo de comentário, em Santa Cruz não se dizia nada, pois quase todos tinham. Mudavam os tons. Nesses amigos se ia a pé, poucas eram as quadras. Andava de bicicleta também.

Uma coisa era quase certa: após a aula (pela manhã), se almoçava e, mal a comida ‘descia’ (às vezes nem dávamos tempo para tal) e eu já me mandava de casa. Ia pros amigos. Nem sempre se ficava na rua, claro, mas eu não ficava em casa. Digo isso para dizer o ululante: a infância mudou. Antes, na rua, fora de casa. Hoje, meus filhos, já com 14 anos, não saem de casa. Sozinhos, jamais. E tem outra, NÃO querem sair. Com seus celulares ou computadores, eis ali o mundo. Chega. De novo, não julgo, menos ainda condeno. Constato. Mudou. Longe de mim achar que são ‘menos’ ou ‘infelizes’ por isso. Nem o oposto, ‘mais felizes’. O que me parece relevante é que usamos as mesmas palavras, mas seus significados, mudam. Pai e infância/ser criança são exemplos claros cujas vivências mudaram muito em 30 anos.

Ao falar desses sobrenomes estranhos que povoaram meus primeiros 18 anos de vida, não tenho nenhuma conclusão moral, moralista nem científica. Constato que a cidade foi colonizada por descendentes de ‘alemães’, ou melhor dizendo, do que viria a se constituir a Alemanha, país mais jovem que o Brasil, posto que independente só em 1870. A colonização aqui começou décadas antes disso.

Muito provável que uma característica ‘social’/coletiva marcou minha infância influenciada por este meio: a relativa dificuldade em demonstrar afeto. Sorrisos e abraços não eram comumente vistos em meu meio. Em casa, nunca vi. Sim, eu nunca vi meu pai beijar minha mãe. Emoções eram pouco externalizadas. A simples convivência com meninas para mim era rara. Além de ter apenas irmãos meninos, as colegas de escola eram distantes. Timidez? Sim, mas também havia o preconceito ou a dificuldade de chegar perto. O simples fato de ‘andar com meninas’ poderia ser visto como sinal de homossexualidade, o que seria altamente malvisto. Lembro que na adolescência (final dos anos 70, início dos 80) houve uma pequena bolha de valorização do voleibol. Meus irmãos, ao saberem que

eu jogava, 'caíram de pau' em cima de mim, falavam mal o tempo todo, o que facilitou para eu abandonar esse jogo e ir ao encontro do basquete, que eu adorava jogar.

Outra característica muito forte deste grupo de nomes era a ética do trabalho. Trabalhava-se e trabalha-se muito em Santa Cruz. Em casa ou fora delas, havia sempre pessoas fazendo algo 'produtivo'. Lazer não era muito comum na geração dos meus pais. Soava, talvez, como moleza, vadiagem. Já o álcool era liberado desde cedo. Lembro-me que, desde os 14 (catorze) anos era-me permitido beber. Desde os 16, livremente.

Ver meus pais, parentes e pais dos amigos trabalharem me educou a fazer o mesmo. Assim, ao se aproximar o fim do Segundo Grau (atual Ensino Médio), a minha condição de classe permitia pensar, com uma certa naturalidade, continuar a estudar. No caso, fazer faculdade. Ótimo pretexto para sair de Santa Cruz. Aliás, para sair de Santa Cruz, ônibus do Expresso Gaúcho, propriedade da família ... Wink, aparentada da gente, por sinal.

Depois, já em Porto Alegre, minha primeira morada foi numa casa de estudantes que recebia gente só de Santa Cruz do Sul. Creio ser a única do país nesta condição, pois seu prédio é próprio, foi doado há muitas décadas para a União dos Estudantes de Santa Cruz. É a CESC, Casa do Estudante Santa Cruz, até hoje existente no bairro Bom Fim, rua Thomas Flores 278. Ali a 'fauna' de sobrenomes era também predominantemente de origem germânica, alguns que eu nunca tinha ouvido falar, pois o círculo se ampliava. Não havia negros ou pardos. Chegar ao Ensino Superior ainda estava longe das famílias mais humildes. A vida ali era simples, instalações idem. Bem localizada me permitia ir a pé até a faculdade, que em meus dois primeiros anos de curso ainda se localizava no centro, na General Vitorino (antes, Odontologia, agora, Artes).

Em que pese ter uma infância e início de juventude protegida e sem maiores estresses, para mim estava nítido, “Nestor André, cai fora da família Kaercher, e, cai fora de Santa Cruz”. E, ao contrário de muitos colegas que saíram de Santa Cruz pensando para lá voltarem, eu não tinha este desejo. Algum trauma de infância? Não, de modo algum. Ingrato com o passado? Longe disso! *Gracias* à família e infância que tive. Tempos bons, mas sem saudosismo típico de quem vai ficando velho e uma espécie de Alzheimer seletivo bate... ‘ah, bom era no passado’. Não sinto saudade de nenhuma fase do passado.

Dito isso, vamos ao próximo passo: que escola tive? Por que a docência?

8.5 A escola: na parede da memória este é o quadro que dói mais

O subtítulo tem uma pequenentira. Embora verdadeira, a raridade de bons exemplos de professore/as, longe está deserem memórias dolorosas. É pretexto para homenagear, mais uma vez, meu primeiro monstro, Belchior. Conheci/ouvi Belchior pela 1ª vez, através de um irmão mais velho, que comprou um LP dele. Tinha meus doze anos (1978). Não sei se o ano é exato, aliás, datas e anos para mim raramente são marcantes. O fato é que, pela primeira vez, um cantor, um ‘som’, fazia minha cabeça. Gerava uma estupefação: o que esse cara tá cantando!? Desde então – e sempre – este compositor me fez a cabeça. Tocou meu coração e me fez pensar. Não vou discorrer aqui sobre as canções dele. Seria muito fácil escrever muito sobre as canções que me impactaram. Desde minha dissertação de mestrado, publicada em 1997 (*Desafios e Utopias*), costume citá-lo.

Penso e repenso na minha trajetória escolar (antigo Primeiro e Segundo Grau) na busca de professore/as marcantes. Mais especificamente exemplos de bons/boas professores. Quero vasculhar possíveis razões para minha escolha profissional. E não gosto do que

vou dizer: tive muito poucos bons exemplos de professores/as. Posso estar parecendo 'azedo', ingrato ou excessivamente ácido. Mas não é o propósito. Simplesmente os exemplos muito positivos não existem na minha memória. Tanto é que, ao longo deste texto, não falo de nenhum em especial. Tampouco há o extremo oposto, experiências muito negativas. Há sim, infelizmente, muitos exemplos de professores/as que passaram em branco, deixaram marca nenhuma. Não sei se teria que ser diferente. Alguns me acompanharam por anos. Como foi com você, leitor/a? O que mais salta aos olhos na parede da memória é a desimportância da imensa maioria daqueles/as professores/as e a inutilidade de suas aulas. Talvez, isso soe incomum para uma pessoa como eu, que sempre só tive essa profissão na vida. Também é incomum o fato de, no círculo familiar próximo, eu não ter parentes professores. Meu pai exerceu a docência, mas sua identidade era de advogado e contador.

E alguns livros marcantes estes mestres da Educação Básica me legaram? Novamente, vasculho minhas memórias, e, por hora, nada encontro. Não associo livro marcante a professor algum. Faltaram-me nesses anos, descoberta, estupefação, vigor, luminosidade e graça. E leveza. E picardia. Riso. Droga. Para trazer esses adjetivos precisei de poucos segundos.

Agora, a biblioteca da escola (São Luís) era muito boa. Tinha muito livro de literatura. Sim, tinha dos demais tipos também, mas, a literatura nacional era muito bem servida. Não sei quem dirigia as compras, mas tinha muitos livros. Da literatura estrangeira também devia ter, mas eu não conhecia. Compravam-se livros pacas para ela, mas não me lembro de se divulgar isso, isto é, tentar nos atrair para lá. Mas, eu ia, não sei por que, para lá. Mais uma vez, como se vê, faço/fazemos coisas que se mostram importantes em nossa vida, mas não sabemos a razão. Como eu passava muito tempo por lá – tinha tempo livre, não trabalhava, é bom morar perto da escola – acabava

lendo mais do que o mínimo obrigatório. Que era pouco em geral. Algumas poucas fichas de leitura. Era isso que a escola cobrava. Como é comum em nossa vida estudantil, não me chamavam a atenção os livros que li para fazer ficha.

Para não ficar parecendo que eu sou um rebelde sem causa, um reclamão, é importante dizer que aprendi naquela biblioteca a conhecer meu segundo monstro, Erico Verissimo. Não sei se comecei a lê-lo pela *Ana Terra*, que é apenas um capítulo de *O Tempo e o Vento*. O fato é que comecei a ler o Erico e o li muito. Quase toda a obra dele. Com certeza bem mais de dez livros dele eu li ainda no Ensino Médio. Lia e anotava. Sempre gostei de glosar os livros que lia. Ele foi marcante por, no mínimo duas coisas. Uma, construiu em mim a identidade de gaúcho. Ler *O Tempo e o Vento* lá pelos 16-17 anos me fez sentir orgulho de ser gaúcho. Até então isso nada me dizia. Claro que a citada obra idealiza e romantiza este ser, mas até aí chovo no molhado. Como se existisse um *ser gaúcho*.

Toda história, seja nos livros de História (com agá maiúsculo), seja nos livros de Literatura, é uma escrita ficcional, um pouco mítica e, quase sempre, idealizada e até mentirosa. A literatura serve para construir o que somos, o que pensamos e queremos. Para mim, ler literatura (ficcional, romances) foi, é e será para construir quem sou/somos. Bom e mal. É fato. Os livros são e serão meus companheiros. Admito que, há muitos anos, prefiro ler literatura à chatice, quase onipresente, dos textos acadêmicos de Geografia.

Uma das coisas boas de morar sozinho é o privilégio de estar acompanhado por um – em geral, por mais de um, pois não sou fiel, ops, ‘monobibliogâmico’ – bom livro. Junto com uma taça de vinho é um dos bons momentos da vida. Outra coisa que Erico me ensinou foi a valorizar a liberdade como uma ação e conquista coletivas. Ele finaliza um livro (qual?) dizendo que, no muro estava escrito a palavra que uma criança lia, ao andar com um familiar: liberdade. Não

é a liberdade do indivíduo, dele fazer o que quiser, tipo um 'porra louca', mas a liberdade como conquista e luta da coletividade. Esta tal de democracia, que tanto falamos, desejamos e conceituamos. E da qual sempre estamos em busca, tasteando no escuro. Liberdade e democracia são ideias fundamentais para serem discutidas (ensinadas é idealizar uma capacidade que não temos) desde sempre nas escolas e universidades.

Então, mais do que ficar nesta pseudoiconoclastia de malhar a escola e os meus professores, quero dizer que tive na escola uma infância protegida e calma. Como deve ser toda escola: um espaço de acolhida, de conforto espiritual, pois muitas de nossas crianças tem uma infância roubada. Não é viável, infelizmente, que todos tenham uma escola materialmente tão rica como eu tive, mas nós professores podemos receber e acolher nossos alunos ouvindo-os de forma respeitosa de maneira que eles possam falar de suas 'coisas', seja isso suas fantasias, alegrias, medos e dores. Por isso, a desimportância de alguns professores e de seus conteúdos não quer ser novidade. E nem denúncia. Na escola, tive a tranquila convivência para cultivar meus amigos. No seu belo ginásio, nas horas livres pela tarde, praticava basquete. Na frente da escola, aos 14 anos, dei meu primeiro beijo. Meio roubado. Retribuído. Foi subir no Everest à jato. Louvada seja Adriana. Os próximos, levariam anos.

Sim, o São Luís foi e é um lugar bom para mim, mesmo com suas chatas aulas. Desde aquela época, ficava pasmo como podiam ter aulas tão ruins de coisas potencialmente tão legais como Arte e Filosofia!? Um espanto. Logo, não foram pelos exemplos de professores que eu escolhi ser professor. Se pode dizer o mesmo pela escolha da Geografia. Sobrevivi àquelas barbaridades de aulas. Barbaridades, entenda aqui, honesto leitor, como sinal de coisas ruins. Similar a comer miojo frio. Sem tempero. Sério.

8.6 Hora de se inscrever para o Vestibular: Porto Alegre, mas fazer que curso?

Num texto publicado em 2019, na *Revista Giramundo* (2017), me fizeram a pergunta, cuja resposta se segue. Eis a passagem:

Por que escolheu a Geografia (ou a Geografia lhe escolheu)? E o interesse por trabalhar com ensino de Geografia?

As perguntas simples, aparentemente banais, como esta, embutem uma armadilha interessante: respostas rápidas, 'de cor' nem sempre são tão racionais e/ou conscientes. E talvez nem sejam tão sinceras. Às vezes, sequer são verdadeiras. Não quero dizer aqui que vou mentir, não há nenhuma necessidade disso. Só faço um alerta: nossas decisões mais/muito importantes (que profissão escolher?; que namorada/o, companheira/o 'escolher'?, por exemplo) não são tão escolhas conscientes, 'nossas'. Mas, tentando responder

Quando fazia ensino Médio (início dos anos 80) não conversava muito sobre 'o que fazer no futuro', leia-se, o que estudar, o que fazer no vestibular!? Como filho de pai advogado, e com irmãos mais velhos já fazendo faculdade, meu destino 'natural' era ir para Porto Alegre, estudar na UFRGS, posto que era 'de graça', não 'precisava pagar'. Não tinha muito diálogo com meu pai. Nem com a mãe. Fui por exclusão: carreira médica nem pensar! Qualquer visão de sangue sempre me assustou. Até hoje nunca vi um filme de terror, para se ter ideia do quão 'cagão' sou. Direito, opção do pai e de dois irmãos, jamais. Contador – como o pai também era – negativo. Engenharias? Nunca as 'exatas' me atraíram muito, embora me desse bem com elas no Ensino Médio (Matemática e Química eu ia bem). Sabia o que não queria! Mas, que inscrição fazer para o vestibular só fui mesmo fazer

já dentro do ônibus indo a Porto Alegre para ... me inscrever no vestibular. Fiquei entre História e Geografia (uma possível escolha por Filosofia foi bastante prejudicada por – mais um – professor ruim de Filosofia). Na escola de Educação Básica não tive nunca grandes professores desta disciplina. O do Ensino Médio era, claramente, muito ruim. Era só de coreba. Eu era ‘dez’ nisso, mas nunca me atraiu esse tipo de docente. Na hora de escolher, optei por Geografia. Motivo? Não muito claro. Mas, ouvi da bibliotecária da escola um comentário – que ela não dirigiu a mim, mas escutei – “O Nestor tem que fazer Geografia. Está sempre vendo mapa na biblioteca!”. Não sei o nome desta pessoa, nunca mais a encontrei (descaso meu, sim), mas provavelmente ela foi fundamental em meu destino. Escolhi Geografia e mesmo tendo uma graduação que eu considero ‘sofrível’ (o curso na década de 80 era bem fraco), nunca me arrependi. Fiz o curso em quatro anos (1985 – 1988) e tive o interesse (e a sorte) de poder lecionar desde o segundo semestre da graduação em cursos Supletivos (hoje Educação de Jovens e Adultos) em disciplinas que eram ainda ‘filhas’ da Ditadura Militar (1964 – 1985), quais sejam OSPB, Organização Social e Política do Brasil, e EMC, Educação Moral e Cívica, além de Geografia, claro. Na graduação, e por interesse próprio, tive outra ‘sorte’: o contato com a obra de Paulo Freire. Foi uma identificação muito forte! Ele foi um ‘monstro’ para mim. Lendo, por conta própria livros mais à esquerda (Ruy Moreira e Yves Lacoste, por exemplo, não foram apresentados por meus professores, foram buscas minhas) fazia destas disciplinas algo muito mais livre e politizado do que as propostas costumeiras. Isso me permitia me aproximar dos meus alunos de uma forma mais vívida e me fez ter claro: é isso! Ser professor! É o que eu quero!

Muito provavelmente, para finalizar esta 1ª questão, gostaria de ressaltar que ‘meu destino’ (profissional, mas não só este)

foi muito influenciado por uma frase dita por uma quase desconhecida (a bibliotecária do colégio São Luís). O fato é que, na vida profissional, só fui uma coisa: professor. Desde os 19 anos. E, por sorte, nunca me arrependi. A Geografia me deu muito mais do que eu dei a ela, com certeza: ganha pão, respeito – ser chamado de professor é sim algo muito legal -, amigos (vários) e andanças por este país.

Até tentei fazer o Bacharelado, mas isso não durou nem um semestre. Desisti e nunca me arrependi. Isso que relato nada tem de ‘conclusivo’ ou aconselhamento. A vida é detalhe e este nem sempre está ao nosso controle. Então, creio que eu escolhi a Geografia e tive a sorte dela me acolher com generosidade, pois além de ganhar meu sustento com a docência de Geografia, conheci um número bem grande de pessoas que admiro neste meio. Um privilégio.

Com o perdão do autoplágio, há pontos que gostaria de reforçar. O bem que me fez começar a dar aula desde o 1º ano de faculdade. Foram experiências positivas que me ajudaram a descobrir o gosto pela docência antes mesmo de saber as muitas áreas que a Geografia possuía. A docência veio antes da pretensão de ser ‘pesquisador’ ou de saber Geografia. Outro ponto em que dei sorte foi ler o Paulo Freire e sua *Pedagogia do Oprimido*. Aquilo me impactou muito, me identifiquei muito com a visão mais política e politizada do ato de educar. Veio ao encontro de meu interesse, desde o São Luís, por política, mas que na graduação pouco se falava, o que não deixava de ser estranho num curso de ‘Humanas’. Sim e não, afinal, meus professores deviam saber do que a “Redentora” era capaz de fazer com os descontentes e dissidentes.

E mais tarde, mas ainda na graduação e por conta própria, o Ruy com seu nem tão amigável, mas fundamental, *Discurso do*

Avesso abriram arejadoras clareiras em minha mente. Sem querer dar conselho, vale a dica: buscar leituras além do obrigatório é necessário e pode lhe ajudar a encurtar caminhos, fazer perguntas, e, sim, encontrar respostas.

Para finalizar este tópico convém chamar a atenção para uma característica comum, mas também naturalizada e/ou invisibilizada. Eu, classe média, estudei a Educação Básica numa escola privada. Fiz a graduação, bem como o Mestrado e o Doutorado em universidade pública. Trajetória comum entre meus pares de classe social, sejam de Santa Cruz ou não. O mínimo que pude fazer foi agradecer ao Poder Público por ocasião de minhas defesas. Sei que a imensa maioria do povo nunca entrou numa universidade pública, enquanto eu tive o privilégio de receber bolsa e salário. É o quero fazer novamente: agradecer ao Estado brasileiro que me financiou. O Estado não deve ser 'mínimo'. Quando ele é 'mínimo', ele é apenas para os mais aquinhoados. Não sou contra a ideia de Estado apoiar o crescimento econômico ajudando os empresários, conquanto isso não signifique deixar 'ao livre mercado' as parcelas da população mais humilde.

8.7 Diploma na mão. E, agora, Nestor André?

Ganhar a vida por conta própria era a necessidade. Recém diplomado, meu pai foi enfático: agora é tu por ti mesmo. Isso ele me disse em fevereiro de 89, um mês após minha colação de grau. Ele não era muito paciente.

Novamente a sorte me favoreceu, pois fui chamado a dar aula no Colégio Anchieta ainda neste mesmo ano, ano do Centenário da escola. Também fui logo, logo aprovado (e chamado) numa escola pública que foi bem importante para mim, a Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, a Liberato, em Novo Hamburgo. Duas boas escolas, cada uma teve importante papel pedagógico para mim.

No Anchieta, passagem fulminante. Ao final do ano, demitido. Nenhuma razão em especial, creio eu. Nada de extravagante ou revolucionário lá eu fiz. Mas, a situação era a seguinte: 8 turmas de 1º ano do Ensino Médio, cerca de 40 alunos cada turma e um período por turma. Sim, somente um. Então, trabalho gigantesco. Ao ser demitido, fiquei preocupado com o futuro. Um amigo importante me tranquilizou: “Que bom, agora você deixa de trabalhar para os padres (Jesuítas) e vai fazer o que interessa, estudar (fazer mestrado)!” Aquela frase, tanto quanto a demissão, foram educativos e fizeram eu pôr o barco para fora do porto seguro da empregabilidade, incerta (sic) numa boa escola privada.

Na Liberato, fiquei bons anos, uns 6, creio. Era uma escola muito boa, com muita infraestrutura. Fui feliz lá. Mas, também tinha um limite claro: ali só havia Geografia no 1º ano do Ensino Médio. Ou seja, lá pelos 25 anos de idade eu já tinha dado aula numa das melhores escolas privadas de Porto Alegre (Anchieta) e numa das melhores escolas públicas. Eu já estava no ‘topo’ (nada a ver com ganhar dinheiro), e via o limite destes empregos. Porém, sabia o que eu queria: dar aula no Ensino Superior.

Absolutamente claro foi optar por fazer mestrado em Educação. Sim, Educação. E, sim, estudar ensino de Geografia. Não havia linha de Ensino de Geografia no POSGEA. Tinha mestrado na Geografia, mas não em Ensino. Escolhi: Educação, e, especificamente, Ensino de Geografia.

Antes de terminar o mestrado (1995), cujo dissertação virou livro (1997) com várias edições – algo nem tão comum há 20 anos atrás – também já tinha claro: eu quero dar aula aqui, na Faculdade de Educação (FACED). E, novamente a sorte me sorriu. Teve concurso na FACED em 1996. Fiz para a área de Educação de Jovens e Adultos para experimentar. E aí, o conhecimento da obra de Freire, autor basilar na minha dissertação, foi fundamental. Passei no concurso. Oba.

8.8 Conclusão: não jogamos garrafas no mar. Nós somos-estamos nela

Se destaco trabalhar aqui, na FACED, por opção, não é para fazer uma ode ao individualismo liberal, autoelogio: eu fiz, eu sou, basta querer. Longe disso. Tenho absoluta clareza de que só dei estes passos porque muitos me abriram caminhos, me apoiaram, me guiaram. Tenho consciência do quanto me apoiei em ombros para mirar um pouco mais adiante. Agradecer é verbo que procuro utilizar sem economia.

Ainda longe da aposentadoria – e nem conto ansioso os anos que faltam, pois faltam muitos, e parece agonizante esta contagem – cabe dizer que estou desde julho de 1996 (entrei aos 30 anos) na Faculdade de Educação. Assim como escolhi ser professor, escolhi estar aqui na FACED. Aqui tenho vários colegas que admiro, os alunos são tranquilos, respeitosos. Chefias admiráveis, parceiras.

E, o mais importante: continuo gostando de ser professor. Sou grato à sorte, ao destino, e a dezenas de pessoas que prepararam meu caminho. Isso vale não só para meus pais, parentes e professores, inclusive os do São Luís, sem dúvida. Vale demais para a Tânia, para as anônimas cozinheiras no RU e um sem-número de pessoas que propiciaram que eu contasse minha trajetória, daí retomar a metáfora da garrafa. Vale para o Estado que também pagou minhas pós-graduações. Vale para meus alunos que me tratam com respeito.

Poder-se-ia dizer, sim, nós jogamos muitas garrafas ao mar e não saberemos onde elas vão dar e/ou quem vai agarrá-las. Tampouco saberemos como vão ler as mensagens que nossos corpos e palavras dizem. Quanto mais vivemos, mais sabemos que pouco controlamos nossos próprios passos e como nossas palavras serão entendidas. Portanto, provocaria: nós estamos dentro da garrafa. Presos a tantas limitações e convenções, somos levados para destinos que comumente não controlamos. E, não raro, depende da sorte (e do

berço, claro) para onde seremos levados. Seremos levados e não, ilusão arrogante, nós nos conduzimos. E mesmo assim, condenados à liberdade de pequenas escolhas do dia a dia. Sempre pagando o preço por cada decisão, mais ou menos livre, mas sempre na necessária ilusão de que, enfim, sairemos da garrafa. Ilusão de liberdade. Necessária ilusão.

Não raro penso, 'que saco, tenho que ir dar aula agora'. Pego meu ônibus cansado, entediado. E, entro na aula, sempre um pouco nervoso. Porém, uma vez ela começando, eu gosto de lá estar. Ainda é absolutamente comum eu sair da aula pilhado, mas não cansado. Quando meus alunos mordem as iscas que jogo, quando compram meus contrabandos, vibro. Quando um aluno faz uma pergunta, eu ganho o dia. Enquanto esta sensação ainda bater no meu peito, sei que estou no lugar certo. Fazendo o que, bem ou mal, a opinião é de cada 'freguês', faço bem. Um pouco desorganizado, mas sim, sei que faço bem. Com a falta de modéstia que me caracteriza digo que a desorganização não é caótica. É que no intervalo de uma semana, entre uma aula e outra, eu (re)penso muitas coisas, pois vejo, leio e imagino muitas coisas. E são estas coisas que, nem tão desorganizadamente, ponho em aula. A estas coisas eu chamo, vida.

Gosto muito de dar aula no Pós e receber meus orientandos em casa. Carrego vários deles dentro do meu coração.

Continuo gostando muito de ser chamado de professor. Adoro quando me chamam de mestre. Também adoro a palavra papai. Amo ser chamado assim pelos meus filhos, já com 14 anos. Por enquanto, posso continuar dizendo: *gracias a la vida*. *Gracias* à Geografia, que me há dado tanto.

Porto Parada Alegre e Assustada (COVID-19), 1º de junho de 2020.

Obs.: Mal tropeço nos finalmente destas linhas e me vem a ideia de escrever sobre a inveja, mais especificamente, as pessoas que eu, invejoso que sou, invejo. Sim, se tem característica que me acompanha é a INVEJA. Invejo todos que são ... mais do que eu. Sim, aqui já abro uma metafísica discussão: o que é 'ser mais'. Com que régua medir, seja a mim, seja a outrem? Yuval Harari,, com certeza, é uma dessas pessoas que faz meu cotovelo doer. Mas, isso é pra outros escritos.

REFERÊNCIAS

KAERCHER, Nestor. Se queres Girarmundo(s), giras a ti mesmo, e, o mundo, e nem tu, serão os mesmos. *Revista Girarmundo* (RJ), v. 4, n. 7, jan-jun 2017, (publicada em out.2019), p. 141-148.